

**Mulher, professora universitária e pesquisadora: a trajetória de Amélia Americano Franco Domingues de Castro (1920 - ) no ensino superior<sup>1</sup>**

*Katiene Nogueira da Silva*



---

<sup>1</sup> Este texto é parte do capítulo: SILVA, K. N. “Mulher, professora universitária e pesquisadora: a trajetória de Amélia Americano Franco Domingues de Castro (1920 - ) no ensino superior”. In: VIDAL, D. (Org.). **Mulheres inovadoras no ensino (São Paulo, séculos XIX e XX)**. 1ed. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2019, p. 15-25.

## Amélia Americano Franco Domingues de Castro e a Universidade de São Paulo

Amélia Americano Franco Domingues de Castro, filha de Severino Ribeiro Franco e Alice Americano Franco, nasceu em 27/12/1920 na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu até seus dez anos de idade, período no qual cursou o ensino primário no Colégio Jacobina. Ao mudar-se com a família para São Paulo, continuou seus estudos no Instituto de Educação Caetano de Campos, concluindo então o Curso Ginásial Fundamental em 1937. Sempre mostrando-se uma aluna bastante aplicada e incentivada pela família a prosseguir os estudos, em 1938 Amélia ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), na qual foi aluna de professores que atuaram na fundação desta universidade, como Francisco da Silveira Bueno e Eurípedes Simões de Paula. O domínio de outros idiomas foi um fator importante para acompanhar as aulas dos professores franceses e também para a realização da leitura da bibliografia indicada em seus cursos. A vida movimentada do ambiente universitário vivenciada naquele momento era marcada pelo convívio dos estudantes dos variados cursos da FFCL em aulas e ambientes partilhados coletivamente, ocupados pela faculdade neste período, como os prédios da Escola Normal Caetano de Campos, do Liceu de Artes e Ofícios e da rua Maria Antônia, onde Amélia licenciou-se em Geografia e História em 1941.

Em 1942, aos 22 anos, casou-se com o advogado Luiz Domingues de Castro, com quem teve três filhos: Amélia, Suzana e Luiz. Concomitantemente à realização do curso superior, a professora passou a lecionar no cursinho que oferecia aulas preparatórias para ingresso na universidade, levando-a a estudar ainda mais - e dedicando-se inclusive à preparação de suas aulas na biblioteca durante o contraturno - os conteúdos abordados nas aulas que assistia na faculdade, assim como os conteúdos de Didática. Desta forma, destacando-se entre os demais alunos pelo desempenho discente, pela aplicação com que realizava os trabalhos e pela atuação já como professora ao longo da graduação, ao concluir a licenciatura passou a integrar a Cadeira de Didática Geral e Especial da FFCL/USP como professora assistente substituta no mesmo ano em que se formou, com apenas 21 anos de idade. Em 1943, dois anos mais tarde, tornou-se então a primeira assistente da Cadeira. Entre 1941 e 1961, a professora ministrou a disciplina Didática Especial de Geografia e História. No ano de 1950, obteve o título de Doutora em Educação na FFCL/USP ao defender a tese intitulada “Princípios do método no ensino de

História”. Após doutorar-se, realizou uma nova licenciatura, dessa vez em Filosofia. O curso foi concluído em 1953, pela mesma faculdade. Neste ano começou a lecionar também Didática Especial de Filosofia, até o ano de 1961. Na modalidade de extensão, cursou “Modernas Teorias da Personalidade”, em 1952, e “Psicologia Industrial”, em 1953, ambos oferecidos pela FFCL, cursou ainda “Instrução Programada”, em 1965, ministrado pela Sociedade de Psicologia de São Paulo.

Amélia: pesquisadora pioneira em difundir as ideias de Jean Piaget no Brasil

A disciplina Didática Geral foi ministrada pela professora desde 1956 até sua aposentadoria na USP. Trabalhando na Cadeira de Metodologia Geral do Ensino em um momento no qual a mesma era composta, em sua maioria, por licenciados, especialistas provenientes de todas as seções da FFCL, atuou junto à formação didática do grupo mediante a organização dos “Seminários de Didática”, nos quais era dada ênfase ao estudo das bases psicogenéticas da Didática. Leitora ávida de autores escolanovistas europeus como Édouard Claparède e Jean-Ovide Decroly, e americanos, como John Dewey e Willian Heard Kilpatrick, Amélia ainda foi uma das pesquisadoras pioneiras a difundir as ideias de Jean Piaget no Brasil. É importante ressaltar, neste aspecto, o seu trabalho de articular a teoria de Piaget à prática pedagógica. Influenciados pelo Movimento da Escola Nova e as teorias psicológicas vigentes na época, juntamente com Onofre de Arruda Penteadado Junior, também professor de Didática da FFCL, a professora integrou o grupo de docentes que analisou a obra de Hans Aebli, que propunha a aplicação da teoria piagetiana à didática. Em entrevista concedida a Mário Sérgio Vasconcelos (1995), ela contou como o referido grupo funcionava:

“Formamos um grupo de professores, entendendo que o trabalho de Hans Aebli oferecia à didática uma grande contribuição. Fomos estimulados a estudá-lo e a procurar as fontes em que se fundamentava a obra de Piaget e de seus colaboradores. Nessa época, éramos influenciados por autores da Escola Nova. Para os professores da área, esses estudos significaram um entusiasmo muito grande, porque nós encontramos uma razão extremamente valiosa para uma série de ideias e práticas educativas que a Escola Nova tinha trazido, mas que, para nós, não estavam fundamentadas. Nós conhecíamos muito bem o Movimento da Escola Nova e as teorias psicológicas em voga na época. A Escola Nova Americana veio com Dewey, Kilpatrick e outros, e a Escola Nova Europeia tinha Claparède, Decroly, Ferrière, e Montessori. Os autores da Escola Nova eram nossa

ferramenta de trabalho, mas havia uma insatisfação em relação a seus fundamentos psicológicos. Conhecíamos a psicologia associacionista norte-americana, que vinha de um reduto de Watson e, mais tarde, Skinner. O funcionalismo de Dewey, base do escolanovismo, era muito intuitivo e, de um modo curioso, aceitava o conceito de interação entre o homem e o meio, mas fazia estudos sobre o arco-nervo-reflexo que tinham origem associacionista. Conhecíamos a Lei do Efeito e a Lei do Exercício de Thorndike. Todas essas correntes levavam a uma psicologia insuficiente para sustentar as práticas pedagógicas. Da França, vinha o funcionalismo, de Claparède, que satisfazia mais porque defendia a lei da necessidade e a lei do interesse. Mas Claparède ainda não convencia plenamente. Começamos então a estudar Piaget, procurando respostas para esta lacuna. Fomos direto ao que era acessível aqui: A Psicologia da Inteligência, que é um livro-síntese elaborado por Piaget, em 1947, mas um livro difícil para quem está começando, tanto que nós apanhamos muito. Tivemos, então, a ideia de começar pelo começo. Iniciamos por O Julgamento e o Raciocínio da Criança, de 1924, O Nascimento da Inteligência, de 1936, e todos os primeiros livros de Piaget. Fomos seguindo suas pesquisas. Nós líamos tudo em francês. Não havia bibliografia de Piaget em português. A partir desses estudos, nós descobrimos como é que se podia interpretar o intercâmbio entre o homem e o meio, ao modo de Piaget. Então começamos a ficar entusiasmadas com o fato de encontrarmos uma explicação. Não precisávamos aceitar que o homem recebe tudo de fora (os empiristas) ou que o homem já traz tudo pronto de dentro (os inatistas). Começamos a entender a forma do intercâmbio indivíduo-meio e a forma de construção das estruturas mentais. Começamos a perceber novas possibilidades didáticas. Foi isso que nos interessou. Nós encontramos, no livrinho de Hans Aebli e nos estudos piagetianos, os fundamentos para as práticas da Escola Nova. Tirou imprecisões. Situamos melhor o conceito de atividade. Iniciamos uma ponte entre Piaget e a didática.” (op. cit., 139 - 140)

Tal análise representou um grande avanço para o estudo da psicologia genética e sua difusão através dos cursos na universidade e das publicações então decorrentes. Dentre os vários livros publicados pela professora Amélia, cabe destacar alguns títulos, entre eles: “Fundamentos psicológicos da didática: enfoque piagetiano”, “Didática da escola média: teoria e prática”, “Bases para uma didática do estudo (na perspectiva do desenvolvimento intelectual)”, “Piaget e a pré-escola brasileira”, “Didática para a escola de 1º e 2º graus”, “Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média”, este

organizado em colaboração com a também professora da USP, Anna Maria Pessoa de Carvalho, que foi sua orientanda de doutorado. Em 1966, participou da instalação do primeiro “Curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Médio” da Universidade de São Paulo. No que tange à colaboração com outras instituições, cabe destacar sua participação em cursos ministrados no Centro Regional de Pesquisas “Professor Queiroz Filho” de São Paulo, tomando como temas “Métodos Ativos”, “Planos, programas e métodos”, “Problemas educativos da América Latina”, entre outros. Participou ainda da fundação do “Centro de Treinamento para professores de Ciências de São Paulo”, atuando junto ao seu Conselho Administrativo. Além de sua atuação como docente da universidade, Amélia foi ainda diretora do Colégio de Aplicação em 1961, além de ter dirigido o Serviço de Orientação Pedagógica que nele funcionava. Em 1963, obteve a livre-docência na FFCL da USP, com a tese "Bases para uma Didática do Estudo". De 1967 a 1974, foi conselheira do Conselho Estadual de Educação. Ao aposentar-se na USP, tornou-se docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Em 1984, a professora tomou posse na Academia Paulista de Educação.

#### Considerações finais

Em um período no qual o acesso ao ensino superior era raro para todos, ainda mais para as mulheres, a professora Amélia merece destaque também como uma das primeiras alunas a integrar o corpo discente na recém-fundada Universidade de São Paulo e, após formada, ao tornar-se ainda uma das primeiras docentes da instituição. Seus trabalhos sobre as bases psicogenéticas da Didática até hoje constituem referência na área. De 1994 a 2000, a professora foi conselheira do Conselho Municipal de Educação. Construindo uma carreira no ensino superior que lhe trouxe reconhecimento em várias instâncias, dada sua atuação tão significativa tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão, cabe ressaltar ainda que é o único caso de docente a receber o título de "Professor Emérito" pelas três Universidades estaduais paulistas: USP, UNESP e UNICAMP.

#### **Referências:**

AZANHA, J. M. P. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

FÉTIZON, B. A. M. **A Universidade e sua alma endemoninhada**. São Paulo: FEUSP, 2012. Série Estudos & Documentos, v. 45.

FÉTIZON, B. A. M. *Subsídios para o estudo da Universidade de São Paulo* (tese de doutorado), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CARDOSO, I. A. R. **A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

PERRENOUD, P. (1993) *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas* Lisboa: Dom Quixote.

SILVA, K. N. “Dissertações, Provas e Exames. Um estudo das práticas de avaliação das aprendizagens no curso de pedagogia da USP, Brasil”. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 70, p. 117-128, 2016.

SOUSA, C. P. “Gênero e Universidade no Brasil: acesso ao ensino superior e condição feminina no meio universitário”. In: Consuelo Flecha García; Alicia Itatí Palermo. (Org.). **Mujeres y Universidad en España y America Latina**. Buenos Aires / Madrid: Miño y Dávila Editores, 2008, v. 1, p. 153-171.

VASCONCELOS, M. S. “*A difusão das ideias de Piaget no Brasil*” (1995). IP-USP, São Paulo, SP, Brasil.